

## O RESGATE DO MONISMO DE SPINOZA NA NEUROFILOSOFIA DE ANTONIO DAMÁSIO

Orion Ferreira Lima<sup>1</sup>  
Alfredo Pereira Jr.<sup>2</sup>

### Resumo

Neste trabalho, temos como objetivo relacionar a proposta neurofilosófica de Antonio Damásio, em particular as categorias expostas no livro “O Mistério da Consciência” (traduzido do inglês “The Feeling of What Happens”), com a psicologia filosófica de Baruch de Spinoza. Fazemos breve revisão do processo de constituição da subjetividade, tal como descrito por Damásio, para compará-lo com a concepção de Spinoza a respeito dos processos de pensamento. Verificamos então que os conceitos de “mapeamento” de estados do corpo e de “imagem” mental, propostos por Damásio, encontram um paralelo na concepção da atividade mental como ideação dos processos corporais, em Spinoza, semelhança que vem a se confirmar na temática do novo livro de Damásio, “Em Busca de Espinosa”.

### Introdução

O dualismo de corpo e mente é tendência majoritária na história da filosofia ocidental, começando com o idealismo de Sócrates e Platão, e passando pelo dualismo de ‘res cogitans’ e ‘res extensa’ de René Descartes. Apesar de ser um discípulo de Descartes, Baruch de Spinoza elaborou uma visão monista do mundo, na qual a mente humana é concebida como estando imersa na Natureza (concebida como totalidade que abrange também a esfera do divino). Contemporaneamente, a partir de ramos interdisciplinares da pesquisa científica, como a Neurociência Afetiva e Cognitiva, alguns autores, como Antonio Damásio (vide DAMÁSIO 1996; 2000; 2004a,b), tem procurado resgatar o monismo Spinoziano, propondo que a mente se funda em bases biológicas, sem, contudo, se reduzir aos mecanismos microbiológicos conhecidos.

A concepção de Spinoza acerca do corpo, sem sombra de dúvida, constitui um avanço para o século XVII. Spinoza enriquece o pensamento filosófico ao conceber a mente não mais como substância etérea, mas como “idéia do corpo”. Em sua obra *Ética*, Spinoza afirma que o corpo pode ser definido por certa largura e comprimento: “um corpo diz-se que é finito porque sempre podemos conceber outro que lhe seja maior”. (SPINOZA, 1973, p.83). Damásio, por sua vez, interpreta o corpo como sendo “um pedaço da natureza cuja fronteira é a pele”. (DAMÁSIO, 2000, p. 223).

O interesse de Spinoza era demonstrar que a mente humana não pode perceber um

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Marília.

<sup>2</sup> Professora Adjunto do Departamento de Educação do Instituto de Biociências – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Botucatu.

objeto a não ser pelo viés do corpo. Também pretendia evidenciar que, se quisermos conhecer algo fora de nós, devemos pensar a partir da alteração de nossos modos de ser. Inspirado nessa filosofia, Damásio afirma que há verdadeiras “correspondências representacionais” que partem do corpo para a mente, uma vez que a mente não pode perceber a existência de um corpo exterior a não ser pelas modificações do seu próprio corpo.

Tendo em vista os paralelos acima apontados entre a filosofia de Spinoza e a neurofilosofia de Damásio, os quais foram explicitamente apontados pelo segundo, propomos-nos neste trabalho a apresentar e discutir como se dá a retomada da posição monista do filósofo no contexto das ciências do cérebro contemporâneas.

### **O Corpo como Fundamento da Mente**

O entendimento da consciência humana, no contexto das ciências do cérebro e da mente, defronta-se com problemas clássicos abordados na História da Filosofia, em especial o das relações entre a mente e o corpo. À medida que avança a pesquisa nas áreas da ciência do cérebro, intensifica-se o debate a respeito da interação entre estados mentais e processos cerebrais/corporais. A questão de “como” isso seja possível vem sendo objeto de inúmeras discussões. Há aqueles que pretendem reduzir os estados mentais a estados neurais, os que preferem considerá-los como entidades ou propriedades separadas, bem como aqueles que preferem considerá-los a partir de uma perspectiva integradora, como é o caso de Antonio Damásio (vide DAMÁSIO 1996; 2000; 2004a,b).

Por muito tempo, a neurociência se empenhou em descobrir quais eram as bases neurais da representação dos objetos. Inúmeros estudos envolvendo a percepção, aprendizado, memória e linguagem, contribuíram eficazmente na composição de uma explicação de como o cérebro processa a informação, seja em seus aspectos sensoriais ou motores. Por outro lado, a representação do organismo no cérebro, intimamente ligada à idéia de um Eu (ou “Self”), não havia atraído a atenção da comunidade científica. Para dar conta deste aspecto fundamental da subjetividade, Damásio (2000) formulou a hipótese de que o cérebro é capaz de construir uma referência simples e estável do Self, o “Proto-Self”, que evolui, em interações com o corpo e ambiente (físico e histórico-cultural), daí engendrando as formas típicas da consciência humana.

A idéia de um indivíduo único, delimitado, sujeito aos diversos tipos de mudanças ao longo do tempo, possui seus fundamentos na hipótese de que há certo tipo de estabilidade intrínseca aos seres. De acordo com Damásio (2000, p. 177):

Ao ressaltar a estabilidade, não pretendo afirmar que o Self, em qualquer uma de suas dimensões, seja uma entidade cognitiva ou neural imutável, e sim que ele deve possuir um grau notável de invariância estrutural para que consiga oferecer uma continuidade de referência no decorrer de longos períodos.

A idéia de uma estabilidade relativa encontra-se presente tanto em seres considerados mais simples como naqueles considerados mais complexos (por exemplo, relativamente à organização celular em uma variedade de sistemas funcionais). Quando nos referimos à noção de Self, inevitavelmente encontramos a noção de *indivíduo singular*. Ao analisar a idéia de um indivíduo singular encontramos a noção de *estabilidade*, de modo que ambas as noções não poderiam ser desvinculadas ou estudadas separadamente.

Se quisermos compreender o organismo vivo, devemos focalizar nossa atenção para aquilo que chamamos de “fronteira”, isto é, aquilo que delimita o que está dentro e o que está fora do organismo. O próprio conceito de individualidade depende dessa fronteira. O organismo tende a regular o seu meio interno na medida em que acontece modificação no seu meio externo, seja por meio de ajustes ou de ações preventivas. Independentemente de qual seja a motivação imediata das ações, consideramos que o objetivo maior seria o de preservação da vida.

O ímpeto em manter-se na existência constitui não apenas uma característica dos seres humanos. Organismos considerados como sendo mais simples também lutam para sobreviver. Uma criatura unicelular, a ameba, não conhece as intenções de seu organismo do mesmo modo como nós temos consciência de nossas ações, porém luta por manter-se em estabilidade química interna e, conseqüentemente, fazer-se viva.

Assim, o corpo assume uma posição relevante para se compreender a vida; a compreensão da vida parece estar necessariamente permeada pela idéia de fronteira que se estabelece entre o corpo e seu ambiente. Em criaturas simples, como a ameba, essa fronteira é a membrana. Em organismos complexos, como nós seres humanos, ela se apresenta sob muitas formas, como por exemplo, a pele, a córnea que reveste o globo ocular, a mucosa da boca. O fato é que não podemos pensar a idéia de fronteira sem um corpo.

Como podemos observar, em todos os organismos, sejam eles simples ou complexos, a preservação da vida constitui elemento intrínseco a cada um deles. Os primeiros não necessitam de estratégias complexas para elaborar respostas satisfatórias que visem sua autoconservação. Por outro lado, organismos considerados mais complexos possuem um

amplo repertório de possibilidades, podendo escolher entre elas os meios mais convenientes à sua preservação. Para isso, esses organismos utilizam de estratégias de ação e decisão. Com efeito, nos afirma Dennett (1997, p. 26):

Através do microscópio da biologia molecular, podemos testemunhar o nascimento da ação, nas primeiras macromoléculas que têm complexidade suficiente para realizar ações, em vez de permanecer passivas, sofrendo efeitos. Sua ação não é completamente desenvolvida como a nossa. Elas não sabem o que fazem, Para melhor- e para pior- nós, agentes humanos, podemos realizar ações intencionais, após termos deliberado conscientemente sobre ações pró e contra. A ação macromolecular é diferente; há razões para que as macromoléculas façam, mas as macromoléculas não estão cientes dessas razões. Seu tipo de ação é, não obstante, o único solo possível a partir do qual as sementes do nosso tipo de ação puderam germinar.

A tarefa de preservação da vida em organismos complexos exige não apenas um controle homeostático, mas também um equilíbrio das emoções. Damásio (2000) acredita que para estes organismos um sistema nervoso desenvolvido seria capaz, juntamente com o corpo, de gerenciar a vida. Ao longo do processo evolutivo, a natureza desenvolveu dois esquemas: o primeiro deles consistiu em se conectar uma rede neural ao resto do organismo, de modo que todas as ações se desenvolvessem integradamente. Para isso, gerou-se um “painel de controle” localizado nos núcleos do tronco cerebral, no hipotálamo e no prosencéfalo basal. O segundo esquema tornou disponível para esses “painéis” um “retrato on-line” do estado do organismo. Tal “representação” acontece graças a uma série intrincada de reações bioquímicas. Segundo Damásio (2000, p. 184):

Alguns desses sinais são transmitidos diretamente por vias nervosas e indicam o estado das vísceras (por exemplo, o estado do coração, dos vasos sanguíneos e da pele) ou dos músculos. Outros chegam pela corrente sanguínea e baseiam-se na concentração de um hormônio, ou de glicose, oxigênio, e gás carbônico, ou ainda no ph do plasma sanguíneo. Esses sinais são “lidos” por diversos mecanismos sensitivos neurais que reagem de modo diferente conforme a pontuação registrada em suas “escalas”.

Damásio (2000) considera que as representações do corpo são indicativas de estabilidade, uma vez que as estruturas corporais se mantêm constantes. Há certa “imutabilidade relativa” geneticamente incorporada ao organismo. Isso não significa que não seja possível haver uma variação dentro de certa faixa de valores. Contudo, essas variações ocorrem independentemente da vontade dos organismos, isto é, os reguladores básicos atuam de maneira dinâmica, mas com pequenos limites de variação, enquanto que o meio no qual o organismo encontra-se situado sofre profundas e rápidas transformações. Para Damásio, essa

estabilidade, circunscrita a uma mente única e a um Self único, apresenta-se como sendo dinâmica. O sentido do nosso Self se faz por meio de uma construção contínua do estado do nosso corpo. Nossas representações mentais acontecem em um determinado tempo e espaço que são relativos ao instante e ao lugar do corpo. Sem esses requisitos, torna-se impossível pensar em um sentido para o Self.

Considere a seguinte situação proposta por Damásio: você está atravessando a rua e eis que de repente surge um carro em alta velocidade vindo em sua direção. O ponto de vista no qual você vê o carro é o ponto de vista do seu corpo. Se uma pessoa olha a cena a partir do 10º andar de um edifício, com certeza ela terá uma visão diferente da sua. Na medida em que o carro se aproxima, uma série de ajustes físicos ocorre em seu organismo: surge uma forte emoção, rubor na face, estado de tensão acompanhado por uma reação de fuga ou paralisia. Essas mudanças ocorrem independentemente de sua vontade. Elas ocorrem no “Proto-Self”. Contudo, essas alterações fisiológicas não são suficientes para fazer emergir uma consciência. Nas palavras de Damásio (2000, p. 194), a consciência ocorre “quando temos conhecimento, e só podemos ter conhecimento quando mapeamos a relação entre objeto e organismo”.

O Proto-Self emerge das ações biológicas em um nível inconsciente, proporcionando, assim, a base na qual a consciência irá se sedimentar. Segundo Damásio (2000, p. 201), “o Proto-Self é um conjunto coerente de padrões neurais que mapeiam, a cada momento, o estado da estrutura física do organismo nas suas numerosas dimensões”. Na concepção de Damásio, tais padrões neurais “de primeira ordem” não ocorrem somente em uma área, mas em várias regiões do córtex cerebral. Entre diversas estruturas relacionadas ao Proto-Self, destacam-se os núcleos do tronco cerebral, responsáveis pela regulação dos estados corporais que sinalizam o corpo; o hipotálamo e o prosencéfalo basal, sendo que o primeiro mantém um registro do que acontece no meio interno do organismo (nível de glicose, concentração de íons, Ph, etc.); o córtex insular e os córtices parietais mediais, responsáveis por diagnosticar o estado interno do corpo de modo mais atual.

O Proto-Self constitui apenas uma condição de partida à emergência da consciência, tendo em vista o fato de que não é possível pensar em estados mentais sem um corpo, a menos que desejemos ressuscitar a “substância pensante” de Descartes. Não obstante, há situações em que o objeto não se apresenta como algo real, ou seja, presente aos nossos sentidos, mas se constitui como objeto próprio da memória. Sendo assim, a memória desse objeto é passível de ser recuperada, uma vez que ela se encontra armazenada no cérebro de modo disposicional, ou seja, implícito, na forma de imagens. Esse objeto é capaz de exercer modificação sobre o organismo, seja pela via sensorial ou motora. Isso implica pensar que há

um fluxo contínuo de imagens que de algum modo possibilita ao cérebro alterar o estado do organismo.

Sendo assim, a idéia de corpo nos remete a uma nova visão da mente, a saber, de que as estruturas corporais, incluindo precisamente as do cérebro, não são obstáculos ao surgimento do Self; pelo contrário, apresentam-se como condição necessária, porém não suficiente. Com efeito, “a mente é tão estritamente moldada pelo corpo e destinada a servi-lo que somente uma mente poderia surgir desse corpo. Não há mente que não tenha um corpo” (DAMÁSIO, 2000, p. 187).

Há, porém, um cuidado todo especial que devemos ter ao afirmar que as imagens mentais emergem do corpo. Apesar de todos os avanços nas áreas das ciências do cérebro, não sabemos ao certo como os padrões neurais se transformam em imagens mentais. Damásio (2000) acredita que os padrões neurais dinâmicos por si só não explicam suficientemente o surgimento das imagens mentais, seja de um objeto ou de um acontecimento. Não obstante o fato de não sabermos como acontece essa passagem, não significa que elas não possam ter sua base neural. Não se tem aqui a intenção de evocar novamente um homúnculo ou até mesmo postular a existência de uma substância etérea e inextensa.

Para Damásio (2000) um ser rudimentar, como por exemplo o *Ophiocoma Wendetii*, uma estrela do mar, é capaz de fugir de seu predador com verdadeira maestria ao menor sinal de perigo. Contudo, seu sistema nervoso é muito simples e primitivo, além de não possuir olhos. Por essa razão, seu ágil comportamento permanece sendo um enigma para todos os pesquisadores e biólogos. Mas, talvez, o mistério desta “criaturazinha” possa ser solucionado se atentarmos para o seu corpo. Em toda a extensão do corpo desse ágil ser há minúsculas lentes de cálcio que servem como que de olho para o animal se direcionar. Em uma área subjacente às lentes de cálcio, há um orifício que concentra todos os raios luminosos. É a partir dessa porção que os feixes de fibras nervosas são ativados, permitindo ao *Ophiocoma Wendetii* detectar a presença de predadores e, assim, procurar um possível abrigo para se livrar da morte. Ao serem ativadas, certas fibras de nossa “criaturazinha” desencadeiam uma ação que tem por finalidade a preservação da vida. Ora, isso não significa um exercício de pensar ou até mesmo de ter consciência de tal comportamento. Nas palavras de Damásio (2000, p. 214):

Não quero, de forma alguma, sugerir que essa criatura possa pensar, embora não tenha nenhuma dúvida de que possa agir, e de que a sua ação depende de padrões neurais estabelecidos pelas circunstâncias do momento. Não é nem sequer necessário que, num sistema nervoso tão simples como o dessa criatura, esses padrões neurais se transformem em imagens mentais.

O objetivo de Damásio, ao destacar esse fato, foi justamente de tentar demonstrar que uma das formas possíveis de compreender o estabelecimento de padrões mentais se daria por meio de um estudo de como acontece a transmissão do corpo para o sistema nervoso. Desse modo, o cérebro seria capaz de desempenhar duas funções importantes: reunir padrões neurais que representem o objeto e padrões que representem o organismo. Em seguida trataremos da questão de como o cérebro poderá representar a relação entre objeto e organismo, e o sentimento de posse que o organismo tem sobre o objeto, os quais caracterizariam a consciência.

### **Para Além da Simples Sensação Corporal**

Durante muito tempo, a consciência foi vista e tratada como algo inteiramente pessoal e privado, impossível de ser observado e analisado na perspectiva da terceira pessoa. Apesar de todo avanço nas áreas das neurociências, incluindo, sobretudo, os recursos de imagiologia (como a Ressonância Magnética Funcional), a descoberta de correlações entre estados mentais e processos cerebrais ainda não explicaria satisfatoriamente a consciência. Por outro lado, não devemos considerá-la como uma substância impossível de ser perscrutada, como pensavam os racionalistas e idealistas.

O fato de os eventos mentais, de modo especial a consciência, serem fenômenos subjetivos, não nos impede de estudá-los sob um ponto de vista objetivo. A esse respeito, Damásio (2000, p. 113, grifo do autor), afirma: “Goste ou não, *todos* os conteúdos de nossa mente são subjetivos, e o poder da ciência provém de sua capacidade para comprovar ou refutar objetivamente a consciência de muitas subjetividades individuais”.

A consciência ocorre para o organismo e torna-se explícita por meio de seus comportamentos. Desse modo, quando nos referimos à consciência, devemos em primeiro lugar distinguir três tipos de processos conscientes: (1) a consciência como estado de vigília; (2) a consciência como manifestação dos estados internos, conforme são relatados pela própria pessoa; (3) a consciência como manifestação perceptível quando nos relacionamos com outros indivíduos.

Sendo assim, como é que começamos a ser conscientes? Como é que chegamos a ter a posse da sensação do Self?

Como havíamos falado anteriormente, uma primeira e simples manifestação do Self, expressa por meio do Proto-Self, não garante ao organismo o estabelecimento de um sentido do que lhe acontece ao interagir com o meio. O primeiro relato produzido pelo Proto-Self tem

como elementos principais o organismo e o objeto. Para Damásio (2000), o processo de relação entre essas duas entidades se desenvolve num tempo e num modo lógico, ou seja, possui começo, meio e fim. O começo corresponde ao estado inicial do organismo. O meio refere-se ao impacto do objeto sobre o organismo e o final, as reações resultantes de um organismo modificado.

Na concepção de Damásio, para nos tornarmos conscientes é necessário que o organismo construa, de modo interno, um tipo específico de conhecimento, isto é, um conhecimento de que o organismo sofreu alterações por parte do objeto e que este conhecimento ocorra de modo concomitante à imagem realçada do objeto. Assim, nos afirma Damásio (2000, p. 219):

A forma mais simples na qual esse conhecimento emerge é o sentimento de conhecer e, o enigma que temos diante de nós resume-se na seguinte questão: que prestidigitação possibilitou a aquisição desse conhecimento e por que ele surge primeiramente na forma de um sentimento?

Segundo Damásio (2000), esse “novo tipo de conhecimento”, por ele denominado “consciência central”, ocorre quando os mecanismos cerebrais de representação são capazes de gerar um relato imagético, não verbal, de como o organismo, ao ser afetado pelo objeto, se comportou. Esse processamento também é responsável por fazer realçar a imagem do objeto causativo, destacando-o em relação a um lugar e a um tempo.

Essa hipótese, formulada por Damásio, evidencia dois aspectos imprescindíveis na instauração da consciência: a geração do relato imagético, não verbal, como resultado da interação entre objeto e organismo e o realce da imagem de um objeto.

Damásio acredita que as conseqüências da interação entre objeto e organismo são mapeadas por estruturas neurais de primeira ordem que representam o Proto-Self e o objeto. Por outro lado, a relação causal entre objeto e organismo só pode ser realizada por mapas neurais de segunda ordem. Para Damásio (2000, p. 221), esse relato narra uma história, a “do organismo captado no ato de representar seu próprio estado em mudança enquanto ele se ocupa de representar alguma coisa”.

Esses mapas neurais de segunda ordem são responsáveis por re-representar tanto o Proto-Self como o objeto, de modo que se torne possível obter um esboço do que está acontecendo no organismo. Há diversas estruturas neurais envolvidas na constituição desses mapas neurais de segunda ordem. Esses mapas recebem, por vias axonais, sinais de vários lugares envolvidos no processo de representação do Proto-Self e do lugar que possivelmente representa o objeto. Além do mais, essas estruturas podem ordenar temporalmente os



acontecimentos ocorridos nos mapas neurais de primeira ordem.

Damásio (2000) avança a hipótese de que esse padrão neural de segunda ordem repousa não somente em regiões específicas, responsáveis pela formação de mapas neurais de segunda ordem, mas numa série de estruturas interligadas. As regiões dos colículos superiores, o giro do cíngulo, o tálamo e alguns córtices pré-frontais seriam bons candidatos à emergência da consciência. Quanto ao realce do objeto, podemos encontrar estruturas que possivelmente estão relacionadas ao segmento de padrões neurais de segunda ordem. Damásio acredita que entre tantas, se destaca a modulação tálamo-cortical e a ativação dos núcleos colinérgicos e monoaminérgicos no prosencéfalo basal e no tronco cerebral.

A “consciência central”, assim denominado por Damásio, consistiria basicamente no processo de formação de padrões mentais capazes de mapear tanto o objeto quanto o organismo, bem como a relação entre ambos. Como podemos verificar, a emergência de cada um desses padrões exige estruturas cerebrais específicas. Apesar de suas especificidades, essas estruturas trabalham conjuntamente, de maneira a mobilizar outros tecidos neurais.

Não obstante a neuroanatomia subjacente aos processos que fundamentam o relato imagético e o realce da imagem do objeto causativo, o fulcro de toda nossa discussão não se reduz apenas a um estudo pormenorizado de quais seriam as estruturas neurais subjacentes à formação da consciência, mas antes pretende focar a idéia de corpo como sustentáculo para o Self. A idéia de um Self emergente nos leva a pensar que todas as atividades mentais correspondem inevitavelmente a de um organismo singular que está sendo representado. Todo processo mental de planejamento, de sobrevivência, é de certo modo orientado pelo Self. Graças à existência dos sentimentos, essa orientação torna-se possível, pois aqueles são responsáveis por produzir na mente um interesse contínuo pelo organismo.

### **O Monismo Naturalista de Spinoza**

Ao fazer uma leitura do pensamento de Spinoza, Damásio (2004a), à luz da neurobiologia moderna, reconhece a atualidade de seu pensamento. Dizer que a mente é a idéia do corpo é o mesmo que dizer ser a mente constituída de imagens, representações ou pensamentos que se referem ao corpo.

Spinoza não vê a mente como sendo distinta do corpo, mas a concebe numa estreita relação de paridade. Corpo e mente coexistem em paralelo, em perfeita equivalência:

[...] a idéia do corpo e o corpo, isto é, (pela proposição 13 desta parte) a alma e o corpo são um só e mesmo indivíduo, concebido ora sob o atributo do pensamento, ora sob o da extensão. É por isso que a idéia da alma e a própria

alma são uma e mesma coisa, que é concebida sob um só e mesmo atributo, o pensamento.

Não obstante esta paridade, Spinoza (1973) não deixa de privilegiar a mente. A mente não só percebe as modificações do corpo, mas também as idéias (imagens) de tais modificações. Uma vez que formamos a idéia de um determinado objeto, também somos capazes de formar uma idéia dessa idéia e uma idéia de outra idéia, assim sucessivamente. Para Spinoza, a composição dessa idéia ocorre no âmbito da mente, ao passo que na concepção da neurobiologia moderna, todo esse processo se dá em níveis biológicos, mais precisamente cerebrais.

Esse processo de formação de idéias não nos autoriza pensar na existência de um homúnculo presente no “teatro da mente” capaz de representar o mundo. Se assim o fosse, haveria a necessidade de concebermos um outro homúnculo para pensar a idéia do homúnculo e assim indefinidamente. Ao garantir a possibilidade de conceber idéias de outras idéias, estamos na verdade delineando novos horizontes, que nos permitirão compreender a própria consciência.

Damásio (2004a) acredita que uma simples e primeira manifestação do Self se apresenta como sendo uma idéia de segunda ordem, pois se fundamenta em duas idéias de primeira ordem. Uma dessas idéias se refere ao objeto, cuja percepção é acessível à razão e a outra, encontra-se circunscrita ao corpo, na medida em que sofre alterações por parte do objeto. Desse modo, Damásio (2004a, p. 228), afirma: “A idéia de segunda ordem é a idéia da relação entre duas outras idéias - objeto de que se tem percepção e corpo modificado pela percepção”.

Essa idéia de “segunda ordem”, ou seja, esse padrão neural garante ao corpo “saber” que ele todo se encontra empenhado em responder e interagir com o objeto causativo. Sem esse rico mecanismo, teríamos apenas uma simples e transitória sensação, muitas vezes inconsciente dos acontecimentos e modificações do nosso corpo. Em contrapartida, uma mente consciente é aquela que acaba de ser informada dos acontecimentos que ocorrem com o organismo e com os objetos que estão ao redor desse organismo.

Em que medida tal visão naturalista da mente contribuiu para solucionar o problema mente-corpo? Como podemos observar, Spinoza considerou a mente não mais como “substância pensante”, mas, sim, como a reflexão do corpo. Corpo e mente representam duas vertentes de um mesmo ser. Por outro lado, apesar de toda paridade, há certa assimetria entre mente e corpo no sentido de que o corpo “molda” os conteúdos da mente muito mais do que a mente “molda” os conteúdos do corpo, embora verifiquemos que os processos da mente são

capazes de influenciar o corpo.

## Comentários Finais

Segundo a interpretação de Damásio, que enfocamos neste trabalho, Spinoza compartilharia de sua concepção integradora de corpo e mente. Diferentemente de Descartes, que postula haver uma distinção entre duas espécies de substâncias, a saber, o corpo e a mente, Spinoza compreende ser a alma ou mente não uma substância, mas uma idéia da atividade do corpo. Para Spinoza, a alma não seria uma *substância* anímica, mas um *estado de consciência*, isto é, uma idéia imanente e dependente do corpo. Neste sentido, haveria uma continuidade entre atividade corporal e mental, que pode ser evidenciada em expressões como “uma percepção na alma”. A este respeito, afirmava Spinoza (1973. p. 151-2), de modo consonante: “o objeto da idéia que constitui a alma é o corpo, ou seja, um modo determinado da extensão, existente em ato, e não outra coisa. Daí resulta que o homem consta de uma alma e de um corpo e que o corpo humano existe como o sentimos.”

De acordo com Teixeira (2001, p. 122), “para Spinoza a alma não é senão o pensamento ou a idéia do corpo e das coisas que afetam o corpo, sem nenhuma referência, repetimos, à idéia tradicional de uma alma substância, suporte das idéias”. Para Damásio (2004a), o termo “idéia” é sinônimo de “imagem” ou “representação mental”. No processo de constituição do universo mental, haveria a emergência de mapeamentos e imagens construídos a partir da interação entre cérebro, corpo e ambiente.

Verificamos então que os conceitos de “mapeamento” de estados do corpo e do ambiente e de “imagem” mental, propostos por Damásio, apresentam grande afinidade com a concepção da atividade mental como ideação dos processos corporais, em Spinoza, o que vem a se confirmar na temática do novo livro de Damásio (2004a), apropriadamente intitulado “Em Busca de Espinosa”.

## Referências

DAMÁSIO, A. **O Erro de Descartes**: emoção, razão e o cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Mistério da Consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **Em busca de Espinosa**: prazer e dor na ciência dos sentimentos. Adaptação para o português do Brasil por Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

\_\_\_\_\_. Como o cérebro cria a mente. **Scientific American**, Edição Especial: segredos da

mente n. 4, p. 6-11, 2004b.

DENNETT, Daniel C. **Tipos de Mente**: rumo a uma compreensão da consciência. Tradução de Alexandre Tort. Revisão Técnica de Marcus Pinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ESPINOSA, B. Ética. In: \_\_\_\_\_. **Pensamentos Metafísicos. Tratado da correção do intelecto. Ética. Tratado político. Correspondências**. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril S. A. Cultural e Industrial, 1973. p. 83-307. (Os Pensadores).

TEIXEIRA, L. (2001) **A Doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa**. São Paulo: UNESP, 2001.

## **THE RETRIEVAL OF SPINOZIAN MONISM IN ANTONIO DAMASIO'S NEUROPHILOSOPHY**

### **Abstract**

In this work, we have the goal of relating the neurophilosophy of Antonio Damásio – specially the categories proposed in the book “The Feeling of What Happens” – with the psychology of Spinoza. We make a brief review of the process by which subjectivity is formed, as it is described by Damásio, and compare it with Spinoza’s conception about thinking processes. In this review we find that the concepts of “mapping” body states and mental “images”, proposed by Damásio, are similar to Spinoza’s concept of mental activity as an ideation of body processes. This similarity was confirmed by Damásio in his new book, “Looking for Spinoza”.

**Keys-words:** Monism, Mind, Body, Mental Image, Body Ideation.